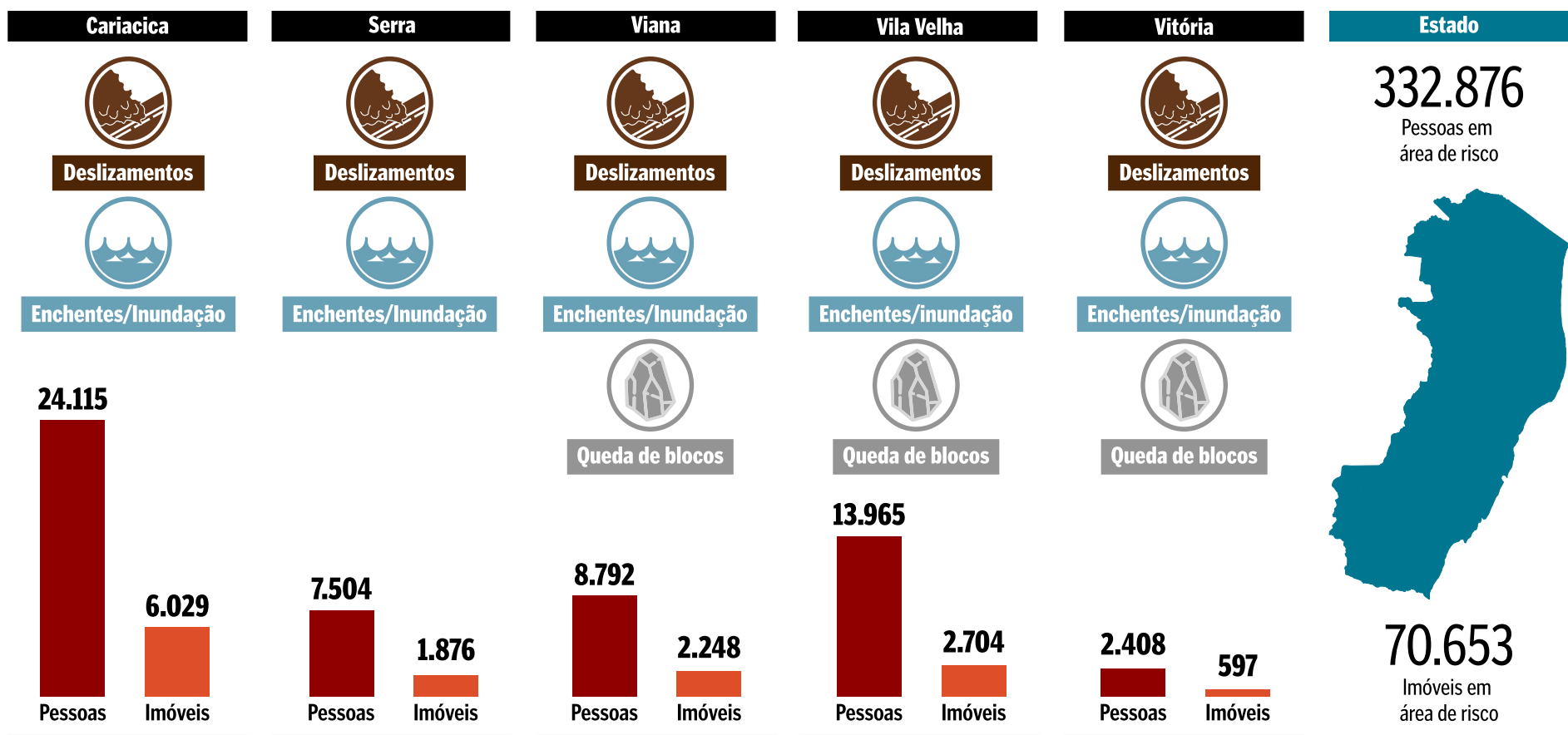


REPORTAGEM ESPECIAL

PRINCIPAIS RISCOS NA GRANDE VITÓRIA



Fonte: Serviço Geológico do Brasil - CPRM

Infografia | Marcelo Franco

330 MIL VIVEM EM ÁREAS DE RISCO NO ESTADO

Locais estão sujeitos a deslizamento, queda de pedra e enchente

▀ **VILMARA FERNANDES**
vfernandes@redegazeta.com.br

Mais de 330 mil pessoas no Estado vivem em áreas consideradas de risco. Locais sujeitos a deslizamentos, queda ou rolamentos de blocos de pedra, enchentes, inundações, dentre outros tipos de desastres.

São mais de 70 mil imóveis construídos de forma irregular e que hoje estão ameaçados. A maior parte das pessoas em condições de risco está em Cariacica (24.115), que é a cidade que detém ainda o maior número de moradias nas mesmas condições. Já Vitória é a cidade com o maior número de setores de risco. São 97.

Os dados fazem parte de um levantamento realizado pelo Serviço Meteorológico do Brasil - CPRM, entre os anos de 2011 e 2015. A identificação dos setores com ris-

co alto e muito alto foi desenvolvido nos 78 municípios capixabas. No Brasil, o mesmo trabalho foi feito em 1.109 cidades.

A maior parte dos desastres que ocorrem no Espírito Santo, pondo em risco a vida de milhares de pessoas, decorre dos diversos tipos de deslizamento. E há registro deles nos cinco municípios da Grande Vitória.

MATA

Este tipo de problema, comum também no país, é ainda o que mais mata, como explica Jorge Pimentel, chefe do Departamento de Gestão Territorial do CPRM, que coordenou o trabalho realizado no Estado. “Em todo o país as formas de construção irregulares são muito parecidas. Há um hábito cultural de se construir nas encostas”, destaca.



Sem saída

O artesão Osmario Bonfim dos Santos, 49, diz que não tem para onde ir com a família.

“A Defesa Civil mandou sair, mas não posso deixar tudo para trás”

— **OSMARIO BONFIM DOS SANTOS**
ARTESÃO, 49

É um hábito, acrescenta Pimentel, que está disseminado nas cidades mineiras, cariocas e capixabas. Em geral, constroem promovendo cortes e aterros nas encostas, o que acaba gerando áreas de

grande instabilidade. “Não precisa nem de muita chuva para se ter uma ruptura”, observa.

Já o que ocorreu em Vila Velha, no Morro Boa Vista – a queda ou rolamento de blocos de pedra – pra-

ticamente divide com as enchentes/inundações a segunda colocação das ocorrências no Estado.

Pimentel explica que em quase todo o Estado é comum a presença das chamadas rochas graníti-

cas (granitoides), com a característica de serem fraturadas (com falhas). E estão sujeitas a ação do tempo. “O grande agente que atua sobre elas é a gravidade”, pontua Pimentel.

Com o constante efeito do tempo – aquece durante o dia e resfria à noite –, aliada a presença de raízes, água e gravidade, um dia acabam se rompendo das pedras maiores e arrastando tudo o que encontra pela frente. Em algumas construções irregulares, este tipo de rocha chega a fazer até parte da casa. “A chuva, quando ocorre, é apenas um somatório de forças”, destaca Pimentel.

O levantamento realizado pelo CPRM, com o detalhamento das áreas de risco em cada cidade, foi entregue aos respectivos gestores municipais, além de outros setores, como a Defesa Civil Estadual.

LAUDO DA DEFESA CIVIL

Desgaste natural causou queda de pedra

Número de pessoas que deixaram suas casas no Boa Vista subiu para mais de 1,3 mil

▄ O laudo divulgado ontem pela Defesa Civil do Espírito Santo aponta que o deslizamento da pedra no Morro Boa Vista, em Vila Velha, aconteceu por conta de um processo natural, tecnicamente conhecido como meteorização das rochas.

Segundo o engenheiro Roney Gomes, da Defesa Civil Estadual, responsável pelo estudo, o que aconteceu foi um desgaste e “alívio de tensão nas pedras”. A pedra rolou após um deslizamento de terra, no final da tarde de sexta-feira.

O número de pessoas que deixaram suas casas subiu para mais de 1,3 mil, ontem. Destas, 1.217 fizeram cadastro junto à prefeitura, sendo um total de 355 famílias.

De acordo com o último levantamento, 397 famílias

ficaram desalojadas e 42, que estão desabrigadas, foram acolhidas em um abrigo municipal montado na escola Jairo de Mattos, no bairro São Torquato. No entanto, algumas famílias não querem deixar a área considerada de risco e estão sendo notificadas pela prefeitura.

RESISTÊNCIA

Mesmo depois de ver a morte de perto pelas portas e janelas de casa, com o desmoronamento das pedras, dezenas de famílias resistem a deixar suas residências. Com medo de perder os bens e sem endereço certo, eles preferem viver às margens do perigo.

É o caso do vigilante Wilson Gomes, de 51 anos, cuja casa só não foi atingida porque as pedras maiores mudaram de direção. O imóvel é o último do morro e fica no ponto mais crítico, a menos de 10 metros do desastre. “Es-

tuou desempregado. Minha sogra está doente em casa e não temos para onde ir. O que vamos fazer?”, questiona.

E o risco continua, pois o início das obras de contenção e retiradas das pedras foi adiado. O prefeito de Vila Velha havia anunciado que o escoramento da pedra principal começaria ontem. Porém, por motivo de segurança, os trabalhos só terão início após a elaboração de um projeto de contenção das pedras, segundo a prefeitura.

Hoje, um engenheiro de geotecnia do Instituto Geo-Rio, do Rio de Janeiro, chega no Estado para fazer uma nova análise do local. Ele fará um sobrevoo no morro e também uma visita, juntamente com topógrafos do Departamento de Estradas de Rodagem (DER-ES). (Com informações de Wesley Ribeiro e Patricia Scalzer)

EDSON CHAGAS



O vigilante Wilson Contes, de 51 anos, mostra um dos fragmentos das pedras

EDSON CHAGAS



Sem rumo

Morando a 15 metros da pedra, o pedreiro Claudionor, de 38 anos, já está de malas prontas.

“Só não sei para onde vou. Estou desempregado. Está difícil”

CLAUDIONOR CUNHA NUNES
PEDREIRO, 38

EDSON CHAGAS



Medo

Diante do perigo, Alessandro Falcão Contes, 35 anos, permite o filho na casa somente durante o dia.

“À noite, meu filho Júlio, de 3 anos, dorme no abrigo”

ALESSANDRO FALCÃO CONTES
AUXILIAR DE SERV. GERAIS, 35 ANOS

Alerta da Defesa Civil sobre desastre foi arquivado

▄ No final do ano de 2012, um relatório da Defesa Civil de Vila Velha apontava a necessidade de uma intervenção no Morro Boa Vista, onde 400 imóveis e 2 mil pessoas estavam em situação de risco.

Diante do problema, chegou a ser realizado até mesmo uma simulação de

desastre com a comunidade e até um esquema de evacuação. Havia um parecer para que intervenções fossem feitas para garantir moradia digna aos que lá viviam.

O documento foi feito após uma visita ao bairro, no local onde em agosto do mesmo ano ocorreu o

rolamento de uma pedra. Famílias foram notificadas, algumas deixaram o bairro e outras, por falta de apoio municipal, retornaram para suas casas.

Duas destas famílias tiveram suas casas, que já tinham sido condenadas, destruídas com o rolamento de pedras ocorri-

do no dia 1º deste mês, conforme relatado na edição de A GAZETA, de ontem.

A página de tramitação de processos da Prefeitura de Vila Velha informa que o documento, protocolado em 12 de dezembro de 2012, acabou sendo arquivado em 29

de julho do ano passado. Não há informações sobre os motivos que levaram ao arquivamento.

Nossa equipe solicitou informações sobre o assunto à Prefeitura de Vila Velha. Veja ao lado.

➤ CONTINUA pág. 18

OUTRO LADO

“Não vamos voltar ao assunto”

▄ “Disponibilizamos um tempo, uma coletiva de imprensa, e esgotamos todas as dúvidas dos jornalistas sobre esse assunto. Uma vez que isso foi feito, não vamos mais retornar a esse assunto”.